

Ivan Junqueira

A nódoa

Não há nada que lave essa nódoa.
Alguns a lixam, outros a esfolam,
mas nem Deus nem o diabo a removem.

Está nas mãos, nos ossos, nos olhos,
na carne aflora, lúbrica e sórdida,
brota no espírito como um pólipio.

Gruda na pele e, cáustica, a empola,
sugando-lhe a foz de cada poro,
de cada músculo ou mínimo órgão.

Vive nas veias por onde corre,
errática , trôpega, tortuosa,
em busca de um gozo que a renove.



Ignora o que é culpa e toda sorte
de apelo que a tornem surda ao mórbido
papel que lhe toca: o do monólogo
que declama nos palcos, monótona
cantilena em cujas turvas notas
vibra apenas o eco de si própria.

Dali não se move, e nem a fórceps
a extirpam do útero onde mora
e cresce em meio à úmida gosma.

Essa nódoa é assim: nada a dissolve,
os ácidos jamais a corroem,
e não a limpam os santos óleos.

Ela dorme entre os homens e os dobra
ao seu fascínio, esse áspero tóxico
que os estropeia até ao opróbrio.

É pérfida, falaz e astuciosa,
desdenha do perdão e do remorso
– e escarnece da misericórdia.